

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
BACHARELADO EM TEOLOGIA

WALLACE SOARES DA CRUZ

INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NO *CORPUS* LITERÁRIO DE
MILTON SCHWANTES

Vitória-ES

2020

WALLACE SOARES DA CRUZ

INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NO *CORPUS* LITERÁRIO DE
MILTON SCHWANTES

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de
Artigo como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade
Unida de Vitória.

Orientador: Kenner Roger Cazotto Terra

Vitória-ES

2020

Dedico este artigo, a minha mãe, Iraneide Soares da Cruz, grande colaboradora e incentivadora de minhas conquistas. Meu maior exemplo.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, ao Indescritível e Inefável...

À minha esposa Nayara, pela parceria e amor dispensados em todos os momentos que enfrentamos. À minha filha, Lívia, pelos abraços tão apertados e revigorantes. Ao meu filho, Gabriel, pelos sorrisos que me trouxeram leveza e paz.

Ao meu orientador, Dr. Kenner Roger Cazotto Terra, que aprendi a admirar e respeitar, pelo incentivo e fundamentalmente por acreditar em meu potencial.

Ao amigo, Francisco Carlos Sperandio Siqueira, pelo investimento em meus estudos da graduação em Teologia, sem o qual a realização deste sonho não seria concretizada.

Aos amigos, Carlos Roberto, Gabriela Rodrigues, Gedielson Franquetta, Marcos Henrique, Wagno Martins e Wellington Marcelino pelas muitas contribuições, apoio e, acima de tudo, pela amizade que desejo preservar pelo resto da vida.

Enfim, ao corpo docente da FUV, deixo as seguintes palavras: Se um dia contarem a minha história, que digam que andei com grandes mestres. Professores se erguem e caem como trigo, mas esses nomes jamais perecem. Que digam que vivi na época de Claudete Beise Ulrich, (Teóloga feminista). Que ouvi as metáforas de Abdruschin Schaeffer Rocha, (O filósofo). Que ri e aprendi com as piadas de David Mesquiati de Oliveira, (*El misionero*). Que recebi os conselhos de Francisco de Assis Souza dos Santos, (O capelão). Que fui orientado por Graham Gerald McGeoch, (O mestre da maiêutica). Que fui honrado por ser aluno de José Adriano Filho, (*The greek interpreter*). Que conheci as histórias de Agostinho nas aulas de José Mário Gonçalves (O historiador). Que conheci outras religiões com Júlio Brotto, (O antropólogo da religião). Que fiquei fascinado por Qumran nas aulas de Kenner Terra, (O biblista e semiótico). Que me apaixonei pelo hebraico bíblico nas aulas de Osvaldo Luiz Ribeiro, (O exegeta). Que fui interpelado pelas aulas de Valdir Stephanini, (O eterno pastor). Que mergulhei na história do cristianismo e na luta *por uma fé encarnada* com Wanderley Pereira da Rosa, (O diretor geral). Se um dia contarem a minha história... Que esses nomes sejam lembrados!

INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NO *CORPUS* LITERÁRIO DE MILTON SCHWANTES

Wallace Soares da Cruz¹

Resumo: O artigo analisa as relações dialógicas que permeiam o *corpus* literário do biblista brasileiro Milton Schwantes, à luz das contribuições do linguista e semiótico José Luiz Fiorin. Para isto, aprofunda-se a distinção entre as noções de intertextualidade e interdiscursividade, no intuito de instrumentalizá-las na análise desta literatura. Isso será feito em três seções: primeiro, serão apresentadas as noções de dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade na perspectiva Fiorin; depois, será trabalhada a noção de intertextualidade na análise dos textos de Milton Schwantes; por fim, aplica-se a noção de interdiscursividade, buscando apreender o discurso deste biblista como articulação de outros discursos. O *corpus* literário em análise é entendido como um fenômeno discursivo portador de uma multiplicidade de vozes.

Palavras-chave: Milton Schwantes. Dialogismo. Intertextualidade. Interdiscursividade. Discurso.

INTRODUÇÃO

O artigo analisa as relações dialógicas que perpassam o *corpus* literário de Milton Schwantes. Este exímio biblista deixou uma vasta produção literária – centenas de artigos e dezenas de livros.² À luz das contribuições do linguista e semiótico José Luiz Fiorin – acerca dos conceitos bakhtinianos de dialogismo – sobre as noções de intertextualidade e interdiscursividade, propõe-se investigar quais são as relações dialógicas manifestadas ou não nos textos do biblista brasileiro.

A metodologia é bibliográfica. Busca-se explorar os textos de Milton Schwantes, mormente seus artigos científicos. O referencial teórico consiste nas contribuições de Fiorin, sobretudo, aquelas que articulam os conceitos-chave do filósofo russo Mikhail Bakhtin. Uma análise pormenorizada dos textos de Milton Schwantes bem como do aporte teórico utilizado não podem ser esgotadas em um artigo. Este, portanto, é um estudo introdutório que ensaia possibilidades e abre lacunas para futuras pesquisas.

O artigo subdivide-se em três seções. A primeira esboça as noções de dialogismo, intertextualidade e interdiscursividade, na ótica de Fiorin, no intuito de criar as bases para a investigação da literatura em análise. Depois, a noção de intertextualidade será trabalhada nos *corpora* deste biblista. Na última seção, aplica-se a noção de interdiscursividade, buscando

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória, Espírito Santo. E-mail: soares.ensino@gmail.com.

² DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN Iria; DREHER, Isolde R. (Orgs.). *Profecia e Esperança*: um tributo a Milton Schwantes. São Leopoldo: Oikos, 2006. p. 11-23.

apreender o discurso de Milton Schwantes como articulação de outros discursos. A título de conclusão, o *corpus* literário em análise se apresenta como um fenômeno discursivo portador de uma multiplicidade de vozes.

1 DIALOGISMO, INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NA ÓTICA DE FIORIN

Esta seção articula um dos conceitos-chave da obra bakhtiniana à luz das contribuições de Fiorin, o *dialogismo*. Procura aprofundar a distinção por ele estabelecida entre as noções de *intertextualidade* e *interdiscursividade*. Aquela ocorre somente nos casos em que a relação discursiva é materializada em textos; esta pressupõe uma relação de sentido e o cruzamento de interdiscursos. Através desta reflexão pretende-se identificar quais relações dialógicas perpassam o *cópus* literário de Milton Schwantes.

1.1 Dialogismo

Dialogismo é um dos conceitos-chave da obra do filósofo russo Mikhail Bakhtin e que subjaz a sua concepção de linguagem. O conceito é explicado por ele a partir da análise dos romances de Dostoiévski, considerados dialógicos na medida em que resultam da tensão entre muitas vozes sociais.³ Para Bakhtin, as relações dialógicas devem ser perscrutadas em uma nova perspectiva, a *translinguística*.⁴ Sendo o seu objeto de estudo os enunciados, “o que significa dizer o exame das relações dialógicas entre eles, dado que são necessariamente dialógicos”⁵. Pois, a essência da língua é constituída nas relações sociais, através da interação verbal, realizada a partir da *enunciação*⁶. Desta forma, o *discurso*⁷ se constrói tanto entre, pelo

³ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 291-292.

⁴ Para Bakhtin, as análises dialógicas não são linguísticas no sentido rígido do termo, pois, a Linguística se debruça ao estudo da linguagem propriamente dita. Isso não exclui a relevância deste campo de estudo na análise dessas relações, cujo objeto de estudo é a língua. Mas, recomenda-se aplicar os seus resultados, ou seja, a Linguística se valeria da análise interna da língua, enquanto a *translinguística* (em outras traduções o termo aplicado é *metalinguística*) se encarregaria de uma análise externa. Cf. BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, Niterói, n. 20, p. 47-62, 2006. p. 58. Fiorin, preferencialmente, faz opção pelo uso do termo translinguística. Pois, segundo ele, Bakhtin tinha em mente constituir uma ciência que perscrutasse o funcionamento real da linguagem e não apenas o sistema virtual que permite esse funcionamento. Cf. FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 23-24.

⁵ FIORIN, 2018, p. 23.

⁶ Entendida aqui como o ato produtor do enunciado que pressupõe a interdiscursividade, transborda e ficcionaliza o mundo, narrativiza memórias em procedimentos parafrásticos e/ou polissêmicos e que deixa as marcas de suas estratégias estéticas e pragmáticas. Cf. TERRA, K. R. C. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, 2018. p. 1097.

menos, dois interlocutores (dois seres sociais), bem como em um *diálogo entre discursos*.⁸ Assim, um discurso mantém relações com outros discursos que o precedem. Essa alteridade é uma marca do dialogismo bakhtiniano.⁹

Nas palavras do filósofo russo:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar.¹⁰

Fiorin, em sua releitura de Bakhtin, pressupõe que:

Todos os enunciados no processo de comunicação independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro. É sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para construir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.¹¹

Neste sentido, as vozes que atravessam qualquer discurso são manifestações discursivas axiologicamente orientadas. O dialogismo é constitutivo da linguagem e de todo discurso. O enunciado é a réplica de um diálogo, “pois, cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos”¹². Sendo constitutivamente dialógicos, os enunciados são sempre históricos e sua historicidade é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição.¹³ Entretanto, não é verdade que as relações dialógicas entre enunciados e textos sejam idênticas. Por isso, é fundamental recorrer ao pensamento de Fiorin, que distingue as noções de *intertextualidade* e *interdiscursividade*.

⁷ Discurso, em Bakhtin, é a “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas, são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para nossos fins”. Trata-se da linguagem em ação. Cf. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 85.

⁸ Segundo Fiorin, o conceito de dialogismo em Bakhtin não está ligado à ideia de um diálogo face a face entre interlocutores, mas, entre discursos. Pois, “o interlocutor só existe enquanto discurso”. Cf. FIORIN, José Luiz. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 166.

⁹ BAKHTIN, 1986, p. 123.

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 88.

¹¹ FIORIN, 2018, p. 21-22.

¹² FIORIN, 2018, p. 24.

¹³ FIORIN, 2018, p. 64-65.

1.2 Intertextualidade

A noção de intertextualidade foi proposta por Julia Kristeva, em seu artigo intitulado “*Bakhtine, le mot, le dialogue, le roman*”, publicado na Revista *Critique*, em 1967. A autora postula que o termo deve ser compreendido como o diálogo entre diferentes textos, onde um retoma o outro. Isto é, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”¹⁴. Fiorin reconhece a originalidade do termo em Kristeva e, segundo ele, “na obra bakhtiniana, não ocorrem os termos interdiscurso, intertexto, interdiscursivo, interdiscursividade, intertextualidade”¹⁵. Entretanto, Fiorin estabelece divisas metodológicas que distinguem as noções de intertextualidade e interdiscursividade.¹⁶

Segundo este linguista e semiótico, a intertextualidade corresponde às relações dialógicas entre textos, ou seja, a materialização do enunciado.¹⁷ Ele explica que o termo “fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. [...] a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro”¹⁸. Desta forma, a intertextualidade “é o processo e incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”¹⁹. Trata-se de “qualquer referência ao Outro, tomando como posição discursiva: paródias, alusões, estilizações, citações, ressonâncias, repetições, reproduções de modelos, de situações narrativas, de personagens, variantes linguísticas, lugares comuns, etc.”²⁰.

A despeito de não ignorar que o texto seja um objeto histórico, Fiorin enfatiza o conceito de texto como objeto de significação e, por conseguinte, preocupa-se em perscrutar os mecanismos que engendram o texto e que o constituem como uma totalidade de sentido.²¹ Nesta ótica, o contexto histórico passa a ser assumido como *contexto discursivo*. Pois, “o objeto não é nem a organização textual ou a situação da comunicação, mas o que liga através de um modo de enunciação”²². Neste sentido, Fiorin concebe *texto* como uma unidade de manifestação de um discurso e, por isso, pode-se pensá-lo como um fenômeno discursivo

¹⁴ KRISTEVA, Julia. *Introdução a semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 64.

¹⁵ FIORIN, 2006, p. 162.

¹⁶ FIORIN, 2006, p. 181.

¹⁷ FIORIN, 2006, p. 181.

¹⁸ FIORIN, 2006, p. 181.

¹⁹ FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin Mikhail. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 32.

²⁰ FIORIN, 2006, p. 165.

²¹ FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995. p. 166.

²² MAINGUENEAU, Dominique, 2017 *apud* TERRA, 2018, p. 1090.

portador de uma multiplicidade de vozes.²³ A intertextualidade, deste modo, pressupõe a relação entre discursos materializada em textos.²⁴

Fiorin enfatiza a necessidade de uma distinção entre texto e discurso que, no âmbito da enunciação, os dois são produtos enunciativos. Entretanto, trata-se de dois objetos que apresentam “modos de existência semiótica diversa: um é do domínio da atualização, o outro, do da realização [...] um texto é a manifestação do discurso [...] o que significa que um mesmo discurso pode ser manifestado por textos diversos”²⁵. Portanto, a intertextualidade é a maneira concreta de construção do texto,²⁶ enquanto a interdiscursividade está ligada à relação de sentido.

1.3 Interdiscursividade

A noção de interdiscursividade pressupõe que os discursos se relacionam com outros discursos. Um discurso é tecido pelo *já dito*. Sendo assim, nenhum discurso é homogêneo, pois é perpassado por outras vozes. O que se está dizendo, em uma interação social específica, situa-se em uma rede interdiscursiva e toca em diversos fios dialógicos, eivados de valores, de crenças e de significados. Todo discurso é perpassado pela interdiscursividade, porque está em “relação multiforme com outros discursos [...] é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos [...] que mantêm relações de delimitações recíprocas uns com os outros”²⁷.

Na ótica de Fiorin, essa relação interdiscursiva é o dialogismo.²⁸ O que não significa dizer que os termos sejam sinônimos. A interdiscursividade pressupõe que os discursos estejam em uma teia de relação com outros discursos. O dialogismo tem a ver com o jeito de ser da cultura. Isto é, Fiorin – em sua releitura de Bakhtin – afirma que “por serem dialógicos é que os discursos são objetos históricos”²⁹. Neste sentido, a vida é essencialmente dialógica. Pois, o contexto é dialógico e, por essa razão, não está ligado mais com as coisas em si, mas com outros discursos que semiotizam o mundo. Portanto, essa relação entre os discursos é o dialogismo.³⁰

²³ FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Orgs.). *Texto ou Discurso?* São Paulo: Contexto, 2012. p. 148.

²⁴ FIORIN, 2012, p. 153.

²⁵ FIORIN, 2012, p. 162.

²⁶ FIORIN, 2006, p. 164.

²⁷ CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 286.

²⁸ FIORIN, 2012, p. 151.

²⁹ FIORIN, 2012, p. 151.

³⁰ FIORIN, 2012, p. 151.

Como já foi dito, a historicidade dos discursos pode ser apreendida no “próprio movimento linguístico de sua constituição”³¹. Não se trata de algo externo ou por referências a eventos da época de produção, mas, é “na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a história que perpassa o discurso”³². Destarte, a concepção dialógica insere uma nova perspectiva, pois, a análise histórica dos textos assume outro aspecto – diferente de uma descrição de um período – transforma-se “numa final e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc.”³³. Em suma, a história é interior ao sentido, pois, o sentido é histórico. Por isso, “captar as relações do texto com a história é apreender esse movimento dialético de constituição do sentido”³⁴. Para Fiorin, “não há discurso fora das relações interdiscursivas”³⁵.

Deste modo, o artigo utilizará as noções de intertextualidade e interdiscursividade, no intuito de perscrutar o *corpus* literário de Milton Schwantes e localizar as relações dialógicas que o atravessam. Na próxima seção, enfatizam-se as relações intertextuais notadas em temas importantes que perpassam a literatura deste biblista: a memória do êxodo libertador, a hipótese dos pobres como sujeitos-intérpretes da Bíblia e a realidade da América Latina como ponto de partida para a interpretação do texto bíblico.

2 INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA DE MILTON SCHWANTES

Seguindo a noção de intertextualidade apresentada anteriormente, esta seção procura mostrar algumas das relações dialógicas entre textos manifestadas na literatura de Milton Schwantes. Isso será feito a partir da seleção de três temas que perpassam os seus escritos: *a memória do êxodo*, a hipótese dos *pobres como sujeitos-intérpretes* do texto bíblico e *a realidade latino-americana* como ponto de partida para a tarefa exegético-hermenêutica.

2.1 Na memória do êxodo

A memória do êxodo libertador é um dos temas recorrentes na literatura de Milton Schwantes. Dada a sua importância no âmbito da Teologia da Libertação, doravante TL, e na renovação bíblica latino-americana, o evento do êxodo foi compreendido como um paradigma

³¹ FIORIN, 2012, p. 151.

³² FIORIN, 2012, p. 151.

³³ FIORIN, 2012, p. 151.

³⁴ FIORIN, 2012, p. 151.

³⁵ FIORIN, 2012, p. 151.

hermenêutico dos textos bíblicos.³⁶ Por isso, em alguns casos, pode-se falar em relação dialógica entre duas (ou mais?) materialidades linguísticas nos escritos deste autor. É o que ocorre, por exemplo, nos trechos seguintes:

O êxodo é um paradigma. [...] é um exemplo. Assemelha-se a uma lâmpada. Ilumina toda a história bíblica. Aparece como sua veia principal. A Bíblia testemunha de Deus. Para compreender este testemunho, o evento do êxodo é fundamental. [...] O êxodo deu origem ao povo de Deus. É sua manjedoura! A libertação do jugo egípcio constitui-se, pois, experiência básica no núcleo do povo de Deus. [...] As comunidades dos pobres se nutrem do êxodo. Buscam orientação e animação junto às parteiras, que na defesa da vida foram mais astutas que o próprio Faraó, junto a Miriam e Moisés [...] Também esta presença do êxodo em meio às comunidades será [...] o sentido do êxodo na história bíblica na fé no Deus libertador.³⁷

A despeito de esta citação apresentar uma relação dialógica da ordem da interdiscursividade, que será tratada mais adiante, é possível localizar relações intertextuais quando, por exemplo, confrontada com os textos de José Severino Croatto. Para este biblista, o êxodo é um evento fundante e sua *releitura* gera novas práticas, que ampliam o sentido do texto e produzem novos textos que condicionam novas práticas e, assim, “sucessivamente numa rotação hermenêutica progressiva e enriquecedora”³⁸. Ou seja, Croatto está entre os defensores da tese de que o êxodo “é o acontecimento-chave, que modela a fé de Israel”³⁹.

Estes biblistas representam duas escolas distintas. Croatto opera com algumas categorias da linguística e da hermenêutica filosófica; Milton Schwantes atua numa perspectiva histórico-social.⁴⁰ Entretanto, a intertextualidade pode ser identificada na citação: “esta presença do êxodo em meio às comunidades será [...] o sentido do êxodo na história bíblica na fé do Deus libertador”⁴¹. Pois, Milton Schwantes não nega que o *sentido* do êxodo é ampliado quando os leitores e leitoras das Comunidades Eclesiais de Base, doravante CEBs, se apropriam desta memória. Em outro artigo, o nome do biblista argentino é mencionado: “penso que José Severino Croatto, tem chamado especial atenção para esta perspectiva da releitura bíblica”⁴². Portanto, trata-se de um caso de intertextualidade, pois é a materialidade linguístico-textual da noção de *reserva-de-sentido* presente na obra de Croatto.

³⁶ SCHWANTES, Milton. Caminhos da Teologia Bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989. p. 17.

³⁷ SCHWANTES, Milton. Êxodo como evento exemplar. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988a. p. 9.

³⁸ CROATTO, José Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986. p. 57.

³⁹ CROATTO, José Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 36.

⁴⁰ WIT, Hans de. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José (Costa Rica): Universidad Bíblica Latino Americana, 2002. p. 218, 244.

⁴¹ SCHWANTES, 1988a, p. 9.

⁴² SCHWANTES, 1989, p. 15.

O trecho citado ainda mantém relações intertextuais com escritos de Carlos Mesters. Para este biblista, o êxodo “é um tema constante, ao qual se faz alusão em quase todos os livros da Bíblia. As atitudes que o povo tomou diante dessa iniciativa libertadora de Deus [...] são representadas, em cada época, conforme as novas exigências dos leitores”⁴³ e leitoras. Tem-se, portanto, manifestada outra relação dialógica da ordem da intertextualidade. Pois, em ambos os casos, o êxodo é interpretado como um tema que atravessa toda a Bíblia e que, ao longo do tempo, essa memória passa por processos de ressignificação. Pois, para Milton Schwantes, *as comunidades dos pobres se nutrem do êxodo*; para Mesters, a explicação da Bíblia deve apresentar o passado bíblico no intuito de iluminar a vida do povo.⁴⁴

Entretanto, a relação intertextual notada na literatura de Milton Schwantes não se restringe no âmbito da TL, mas, também, em obras anteriores. Para ele, “a antropologia vétero-testamentária prioriza a *libertação do Egito*; lá é experimentado quem seja e deva ser a pessoa. Tamanha parcialidade histórica nos é requerida pelo testemunho bíblico, porque assim não-lo representam os credos históricos em Dt 6.21-23 e 26.5-9”⁴⁵ [grifo do texto]. Esta afirmação alude às contribuições de Gerhard von Rad que compreendeu os livros do Hexateuco (ou Pentateuco) fundamentado no credo histórico, no qual a libertação do Egito é central.⁴⁶ Apesar da evidência de intertextualidade nesses trechos, esta não é a perspectiva teórico-metodológica que orienta a exegese de Milton Schwantes. Ele se aproxima mais das proposições de Herman Gunkel, como será tratado mais adiante.⁴⁷

Neste sentido, a memória do êxodo é claramente percebida na literatura de Milton Schwantes numa relação dialógica entre textos. Seus escritos se relacionam dialogicamente com outros textos já constituídos, e é no encontro entre eles que se dá a intertextualidade. Essa relação também é notada em sua hipótese de que os/as pobres são os leitores e as leitoras privilegiados/as da Bíblia.

2.2 Na hipótese dos pobres como sujeitos hermenêuticos

Uma das hipóteses centrais defendidas na literatura de Milton Schwantes é a afirmação de que os/as pobres são os sujeitos hermenêuticos dos textos bíblicos.⁴⁸ Em suas palavras,

⁴³ MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 126.

⁴⁴ MESTERS, 1975, p. 127.

⁴⁵ SCHWANTES, Milton. Da boca dos pequeninos: enfoques antropológicos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984a. p. 149.

⁴⁶ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 129-158.

⁴⁷ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984b. p. 35-37.

⁴⁸ SCHWANTES, 1989, p. 10.

“emerge um novo portador de interpretação. Mulheres e homens empobrecidos se fazem sujeitos de leitura. Os empobrecidos são os novos agentes, os novos hermenutas. A escritura é memória dos pobres”⁴⁹. Esta citação está numa profunda relação intertextual com um artigo de Pablo Richard, intitulado: *Bíblia: memória histórica dos pobres*. Neste texto, Richard assenta que “a Bíblia só é instrumento de evangelização libertadora quando é lida pelos pobres ou na perspectiva dos pobres”⁵⁰. Logo, eles são os intérpretes privilegiados da narrativa bíblica. Mas, isso precisa ser mais bem explicado.

Na última linha da citação extraída do artigo de Milton Schwantes, a afirmação de que *a escritura é memória dos pobres* deriva de sua tese sobre a constituição do texto bíblico, a partir das memórias e experiências dos setores populares e campestres palestinos.⁵¹ Boa parte dos textos bíblicos, na concepção deste biblista, guardam estas memórias. Elas foram preservadas em pequenas unidades literárias, isto é, as *perícopes*. Para ele, a escritura é uma “composição de perícopes [...] uma perícopa não nasce como escrita. Seu nascedouro está na tradição, no contar e recontar. Neste processo de rememoração a cena adquire coesão. É a memória – memória popular e campestre – que consolida o texto”⁵².

Esta afirmação continua em uma relação dialógica da ordem da intertextualidade com o artigo de Richard, por exemplo, quando ele afirma que “no processo de gestação da Bíblia, [...] os pobres desenvolveram a produção oral, e a memória foi poderoso instrumento de defesa da cultura popular em todas as suas formas”⁵³. O que torna, portanto, o pobre o sujeito-hermenêutico do texto bíblico não é somente o direito garantido de apropriar-se da narrativa. Mas, o fato de que a Bíblia preserve a memória histórica dos pobres. Todas essas afirmações estão materializadas na superfície dos textos analisados e, neste sentido, é possível falar em intertextualidade entre eles.

Na prática, Milton Schwantes recorre às contribuições de Herman Gunkel para recompor os textos bíblicos a partir das críticas das formas (*Formgeschichte*) e da tradição (*Traditionsgechichte*).⁵⁴ Por meio da crítica das formas, ele perscrutou os textos bíblicos para identificar o lugar vivencial/social (*Sitz im Leben*) em que foram produzidos.⁵⁵ Através da crítica da tradição, buscou compreender o pano de fundo histórico e cultural dos textos e os

⁴⁹ SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988b. p. 81.

⁵⁰ RICHARD, Pablo. Bíblia: memória histórica dos pobres. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 20-30, 1987. p. 20.

⁵¹ SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988c. p. 37.

⁵² SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a. p. 55.

⁵³ RICHARD, 1987, p. 26.

⁵⁴ SCHWANTES, 1984b, p. 35-37.

⁵⁵ SCHWANTES, 1988c, p. 31-37.

diferentes elementos presentes na história do povo. Ele fez isso interpretando as principais instituições, eventos e personagens bíblicos da Bíblia Hebraica. Por exemplo, o *exército*,⁵⁶ o *Templo*,⁵⁷ o *Estado*,⁵⁸ o *movimento profético*,⁵⁹ os *camponeses* e as *camponesas*,⁶⁰ entre outros/as.

Os exemplos acima apontados também ajudam na visualização das relações dialógicas, em níveis de intertextualidade, manifestadas nos textos do biblista brasileiro. Os aspectos teórico-metodológicos que regem seus trabalhos exegéticos desvelam a continuidade das propostas de Herman Gunkel. Para Milton Schwantes, os pobres são os intérpretes privilegiados do texto bíblico, pois boa parte da Bíblia foi produzida a partir das memórias de gente empobrecida e oprimida. No intuito de uma última ilustração, analisa-se a relação intertextual sobre a leitura do contexto da América Latina como ponto de partida para a tarefa exegético-hermenêutica.

2.3 Na leitura da realidade latino-americana

A realidade latino-americana é tomada pelos/as biblistas e os/as teólogos/as da libertação como ponto de partida para suas reflexões e produções literárias. Nas palavras de Milton Schwantes:

Esta presença dos pobres como intérpretes é uma das marcas decisivas, inovadoras e mais promissoras da leitura bíblica latino-americana [...] estamos incorporando a realidade vivida à leitura bíblica. [...] O povo sofrido ocupa lugar privilegiado. Esta é uma marca da Bíblia na América Latina.⁶¹

Para evidenciar as relações dialógicas entre textos presentes nessa afirmação, basta mencionar outras produções de alguns dos biblistas aqui já mencionados. Por exemplo, Carlos Mesters afirma que “a análise da realidade em termos de opressores e oprimidos, e a incidência da mensagem sobre as estruturas econômicas, sociais, políticas e religiosas [...] são decorrência da fidelidade à própria Palavra de Deus”⁶². O uso da palavra *realidade*, a alusão à *leitura da Bíblia* ou *Palavra de Deus*, a referência ao povo *sofrido e oprimido*, no conjunto,

⁵⁶ SCHWANTES, Milton. Profecia e organização: anotações a luz de um texto (Am 2,6-16). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a. p. 38.

⁵⁷ SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças” – observações sobre Oséias 5, 1-7. *Estudos Bíblicos*, n. 73, p. 8-19, 2002. p. 14.

⁵⁸ SCHWANTES, 1985a, p. 36.

⁵⁹ SCHWANTES, Milton. Uma terra boa. *Simpósio*, São Paulo, v. 6, n. 30, a XVIII, p. 169-172, 1985b. p. 170.

⁶⁰ SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra – iniação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986. p. 10.

⁶¹ SCHWANTES, 1989, p. 10-11.

⁶² MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1987. p. 15.

são sinais das apropriações *autóctones* da exegese latino-americana. E, por isso, os textos de Milton Schwantes e Mesters podem ser compreendidos em uma relação intertextual.

A biblista Elsa Tamez empreendeu uma análise da realidade latino-americana, numa ótica feminista, enfatizando a necessidade de superação de uma leitura bíblica patriarcal. Por meio do exemplo da escrava egípcia Agar, ela afirma que esta “é mulher e este fato mais a converge em uma pessoa triplicemente oprimida: por sua condição social, por sua raça e por seu sexo”⁶³. Na literatura de Milton Schwantes, Agar é vítima da “dominação mais profunda, mais radical [...] que silencia as pessoas, que transforma exploração em ‘destino desejado por deus’, em uma cultura do silêncio”⁶⁴. A negação explícita da dominação da mulher insere estes trechos numa relação dialógica em nível intertextual. Ambos manifestam na superfície do texto sua aversão contra a opressão de gênero. Essa aversão é reforçada nas palavras de Milton Schwantes, “aqui, na América Latina, estamos irmanados nesta busca do êxodo de mulheres e homens massacrados e deformados por séculos de exploração. Somos um elo na corrente.”⁶⁵.

À medida que se tem conhecimento de outros textos que estão numa relação dialógica com o *corpus* literário de Milton Schwantes, compreende-se que sua abordagem não é isolada. Mas, ele está inserido num movimento produtor de literatura engajada e que busca, por meio dos trabalhos exegéticos e hermenêuticos, realizar uma leitura libertadora da realidade latino-americana. Esta materialidade linguístico-textual aponta para o movimento bíblico-teológico desenvolvido no âmbito da TL, o qual também é o *locus* discursivo no qual os escritos deste biblista devem ser perscrutados.

3 INTERDISCURSIVIDADE NO *CORPUS* LITERÁRIO DE MILTON SCHWANTES

Esta última seção pretende desvelar as relações dialógicas da ordem da interdiscursividade identificadas no *corpus* literário de Milton Schwantes. No intuito de estabelecer uma estratégia didática e realçar o entendimento das noções de intertextualidade e interdiscursividade, a análise permanece sobre os temas articulados na seção precedente.

3.1 Interdiscursividade na memória do Êxodo

⁶³ TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 7, p. 56-72, 1987. p. 58.

⁶⁴ SCHWANTES, Milton. Não estendas tua mão contra o menino: observações sobre Genesis 21 e 22. *Ribla*, Petrópolis, n. 10, p. 24-39, 1991a. p. 31.

⁶⁵ SCHWANTES, Milton. A caminho de terra e liberdade? Genesis 12 – um roteiro. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, 129-144, 1991b. p. 131.

Há um dialogismo que permeia os textos de Milton Schwantes. Eles são da ordem da intertextualidade – como foi esboçado na seção anterior – e da ordem da interdiscursividade. Isso implica na afirmação de que a *memória do êxodo* não é um discurso isolado ou homogêneo, atribuído exclusivamente a este biblista. Mas, trata-se de um discurso perpassado por outras fontes enunciativas. Pois, não há possibilidade de discurso fora dessas relações interdiscursivas.⁶⁶ Retomando o exemplo supracitado, em Milton Schwantes:

O êxodo é um paradigma. [...] é um exemplo. Assemelha-se a uma lâmpada. Ilumina toda a história bíblica. Aparece como sua veia principal. A Bíblia testemunha de Deus. Para compreender este testemunho, o evento do êxodo é fundamental. [...] O êxodo deu origem ao povo de Deus. É sua manjedoura! A libertação do jugo egípcio constitui-se, pois, experiência básica no núcleo do povo de Deus. [...] As comunidades dos pobres se nutrem do êxodo. Buscam orientação e animação junto às parteiras, que na defesa da vida foram mais astutas que o próprio Faraó, junto a Miriam e Moisés [...] Também esta presença do êxodo em meio às comunidades será [...] o sentido do êxodo na história bíblica na fé no Deus libertador.⁶⁷

Essa enunciação representa um fio de uma rede interdiscursiva, que trás um *já dito*, citado, comentado, parafraseado, etc., por outros/as biblistas e teólogos/as filiados/as ao discurso da TL.⁶⁸ O postulado do êxodo como chave de leitura da Bíblia evidencia a adesão de Milton Schwantes a este movimento bíblico tipicamente latino-americano.⁶⁹ Enunciar esse *processo histórico de libertação* mostra como são reprovadas as perspectivas tradicionais e/ou fundamentalistas que afirmavam a salvação fora da história. Para este biblista, a “salvação não é meramente uma afirmação genérica. [...] Essa experiência libertadora de Deus é chave de leitura para nossa história. [...] a teologia tem significado decisivo na superação da opressão. Deus é libertação. Assim ele acontece”⁷⁰.

Assim como geralmente acontece no âmbito da TL, nos textos de Milton Schwantes as imagens de violência que atravessam o êxodo não são recuperadas. Fala-se das parteiras, da libertação do jugo egípcio, etc. Mas, em uma relação interdiscursiva, o *não dito* é tão importante quanto o *já dito*.⁷¹ Neste sentido, estes apagamentos também constituem o

⁶⁶ FIORIN, 2012, p. 151.

⁶⁷ SCHWANTES, 1988a, p. 9.

⁶⁸ Segundo Gotay, o processo de libertação na América Latina foi identificado com a situação do êxodo bíblico, em que os escravos hebreus se libertam do Egito e define a salvação como verdadeiro desenvolvimento – desde as condições de vida econômica, social, política, cultural e existencial até o reconhecimento dos valores supremos e de Deus. Cf. GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 54.

⁶⁹ TERRA, Kenner, R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012. p. 64-65.

⁷⁰ SCHWANTES, 1991a, p. 31-32.

⁷¹ BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994. p. 79.

discurso do autor. Pois, Javé é ovacionado pelo seu “agir histórico”⁷², mas o seu *modus operandi* não é trazido à tona. Trata-se, portanto, de um discurso controlado, que seleciona e organiza os seus dizeres e que toca em fios dialógicos tecidos no âmbito da TL. A seguir serão analisadas as relações interdiscursivas na hipótese de que os pobres são os intérpretes privilegiados da narrativa bíblica.

3.2 Interdiscursividade na hipótese dos pobres como sujeitos hermenêuticos

A hipótese de os pobres serem os intérpretes privilegiados da Bíblia constitui também um discurso heterogêneo perpassado por outras vozes derivadas da TL.⁷³ Nesta lógica, Milton Schwantes amplia o significado de libertação, pois não se trata somente de uma transformação da situação política, econômica, histórica e social da América Latina. Mas, inclui uma dimensão hermenêutica, isto é, ele enuncia o direito de o pobre ler e interpretar o texto bíblico livre das normatividades da exegese científica. Para ele, na exegese europeia a “dimensão comunitária e coletiva tende a desaparecer, e a Bíblia é lida de preferência a partir das experiências individuais, bastante distanciadas do todo do povo e da humanidade”⁷⁴. Entretanto, essa afirmação também remete ao *locus* discursivo da TL.

Segundo Mesters, a busca exacerbada por especialização é a razão do distanciamento entre exegese científica e vida do povo.⁷⁵ E, nas palavras de Milton Schwantes, a “exegese precisa ajudar a virar, a revirar as ordens estabelecidas, as que criam pobres [...] exegese que repete se atola”⁷⁶. Neste sentido, o discurso de Milton Schwantes recusa e reprova as concepções clássicas da exegese histórico-crítica que tratam a Bíblia como mero objeto de estudo relegado ao passado. Simultaneamente, ele polemiza ao enfatizar que a exegese precisa partir da vida concreta: “isso não significa que nossa atualidade pretendesse estar ausente na interpretação; pelo contrário, nossa vida está dentro dessa exegese”⁷⁷.

A interdiscursividade entre os enunciados de Milton Schwantes e os da TL é reforçada quando se propõe uma aproximação entre a exegese e a vida do povo.⁷⁸ Nega-se uma perspectiva moderna que não percebe a motivação do sujeito que interpela o texto bíblico e,

⁷² SCHWANTES, Milton. O espírito faz história. *A palavra na vida*, Belo Horizonte, n. 10, p. 1-20, 1988d. p. 8.

⁷³ Neste processo de leitura, as *reservas-de-sentido* existentes na Bíblia são utilizadas para ressignificar a noção de libertação em relação à situação latino-americana. Cf. CROATTO, 1986, p. 14-23.

⁷⁴ SCHWANTES, 1989, p. 16.

⁷⁵ MESTERS, 1987, p. 8-9.

⁷⁶ SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997. p. 44.

⁷⁷ SCHWANTES, Milton. A cidade de justiça: estudo exegético de Is. 1, 21-28. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, n. 1, p. 5-48, 1982. p. 47.

⁷⁸ MESTERS, 1975, p. 80-84.

concomitantemente, adere a um discurso propositivo de uma exegese orientada a partir da vida concreta.⁷⁹ Isso é reforçado, por ele, na seguinte afirmação:

Novos leitores estão assumindo a interpretação. Os empobrecidos são estes novos intérpretes. [...] estão dando sentido aos textos escriturísticos [...] nas comunidades [...] já estão sendo hermeneutas, explicitadores dos conteúdos bíblicos. Esta presença dos pobres como intérpretes é uma das marcas decisivas, inovadoras e mais promissoras da leitura bíblica latino-americana. [...] O povo sofrido ocupa lugar privilegiado. [...] A Bíblia chega até nós através de quem acredita em seus conteúdos. [...] A escritura é, pois, literatura eclesial, que gosta de ser interpretada neste ambiente eclesial. [...] Em suma, a experiência ecumênica como horizonte hermenêutico.⁸⁰

O processo exegético não é rejeitado, mas assume função auxiliar à pastoral no discurso do autor. Para ele, o método “afunila nossa atenção para determinadas facetas do objeto em análise. O método auxilia a descobrir”⁸¹ e a “exegese bíblica, de início, acontece no contexto da pastoral”⁸². A relação interdiscursiva manifesta-se no ato de enunciar que o pobre relaciona o sentido da libertação bíblica com o processo de libertação latino-americano; na defesa pela leitura realizada nas CEBs, onde a interpretação bíblica estava a serviço da realidade do povo;⁸³ na afirmação da experiência ecumênica como horizonte hermenêutico preferencial. Essas afirmações também constituem fios da rede interdiscursiva da TL. Desta forma, é possível indagar pelas relações interdiscursivas no trato da realidade latino-americana como ponto de partida para a interpretação do texto bíblico.

3.3 Interdiscursividade na leitura da realidade da América Latina

Os/as biblistas e os/as teólogos/as da libertação incorporaram o contexto latino-americano em uma relação de continuidade da história bíblica.⁸⁴ Este *estilo* ou *jeito* de interpretar as escrituras, a partir da realidade do povo, configura uma das marcas da hermenêutica latino-americana.⁸⁵ Considerando, pois, que este estilo constitui-se dialogicamente, tem-se um fato de interdiscursividade. Nas palavras de Milton Schwantes:

O método de leitura da Bíblia necessita estar achegado ao método da leitura e da transformação das condições, às quais os pobres estão sendo sujeitados. Os pobres cada vez mais se entendem como empobrecidos e, em suas organizações, mostram que somente a derrocada das causas de sua pauperização diária será capaz de transformar sua situação. A leitura da Bíblia não poderá estar descolada desta prática

⁷⁹ SCHWANTES, 1997, p. 38.

⁸⁰ SCHWANTES, 1989, p. 10-12.

⁸¹ SCHWANTES, 1984b, p. 32.

⁸² SCHWANTES, 1984b, p. 40.

⁸³ TERRA, 2012, p. 64.

⁸⁴ GOTAY, 1985, p. 86.

⁸⁵ TERRA, 2012, p. 64.

dos oprimidos. Precisa estar inserida no método dos pobres. [...] Portanto, o jeito de ler a realidade e de transformá-la e o jeito de interpretar a Escritura Sagrada convergem.⁸⁶

A concepção de história da TL talvez seja a diferença mais radical entre os teólogos euro-norte-americanos e latino-americanos. A redescoberta do caráter histórico e materialista da fé bíblica contradiz o pensamento ontológico grego de caráter essencialista que articulava a teologia cristã, desde suas origens.⁸⁷ Em síntese, a TL abandona uma cosmovisão idealista; entende a salvação como um processo histórico; postula uma concepção histórica do Reino de Deus; supõe uma luta entre classes; inclui a realidade da América Latina nas reflexões bíblicas; rompe com uma perspectiva determinista; resgata a dimensão política da fé; etc.⁸⁸

Desta forma, a leitura da realidade da América Latina, em Milton Schwantes, está numa relação interdiscursiva com os pressupostos da exegese latino-americana. A citação deste biblista, supracitada, está eivada dos valores, das crenças e dos significados recuperados por este movimento bíblico. Para ele, a leitura bíblica não poderá se distanciar da prática dos pobres. O pobre é o sujeito-intérprete que interpela o texto bíblico à luz de sua realidade sofrida e oprimida. Ele defende, portanto, que “não é possível ler e interpretar a Bíblia sem estar presente, sem participar deste processo. Pois, os intérpretes não são seres *a-históricos*, fora do mundo. Somos nós pessoas, em meio à nossa situação, marcados pela história que vivemos”⁸⁹ [grifo do texto].

Portanto, Milton Schwantes não quer interpretar a Bíblia numa perspectiva fora da realidade. Mas, sua hermenêutica pretende inter-relacionar *realidade x texto bíblico*: “a fidelidade aos textos e a fidelidade à realidade confluem, se complementam e se criticam”⁹⁰. Ele também supõe uma relação de conflito entre classes: “as sentenças do salmo 127 [...] fazem teologia a partir do que está aí [...]. Não aplicam ideias à prática. Mas, em meio à prática e às experiências formulam o sentido mais profundo da fé. Estas realidades e experiências se apresentam repletas de conflitos e oposições”⁹¹. Em suma, seu discurso sobre a primazia da realidade latino-americana está em uma relação dialógica da ordem da interdiscursividade com o movimento bíblico-teológico da TL. Isso significa dizer que este é um discurso heterogêneo, perpassado por outras vozes, ou seja, apresenta uma relação dialógica entre enunciados.

⁸⁶ SCHWANTES, 1988b, p. 91.

⁸⁷ GOTAY, 1985, p. 86.

⁸⁸ GOTAY, 1985, p. 97-103.

⁸⁹ SCHWANTES, 1989, p. 11.

⁹⁰ SCHWANTES, 1989, p. 11.

⁹¹ SCHWANTES, Milton. A herança de Javé: meditando o salmo 127. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 27, n. 2, p. 175-180, 1987b. p. 180.

CONCLUSÃO

Assumindo o conceito de *dialogismo*, cujo enfoque não recai sobre Bakhtin, mas à luz das contribuições de Fiorin, mormente as noções de *intertextualidade* e *interdiscursividade*, buscou-se perscrutar o *cópus* literário do biblista brasileiro Milton Schwantes. O principal objetivo foi apreender as relações dialógicas que perpassam esta literatura. A amplitude e complexidade do tema impossibilitam exaurir a discussão em um artigo. Isso justifica o recorte e a seleção dos temas aqui trabalhados. Entretanto, é possível apontar caminhos e reconhecer as lacunas abertas para futuras pesquisas.

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas na literatura de Milton Schwantes. No nível da intertextualidade elas se dão entre textos e no nível da interdiscursividade elas ocorrem entre os enunciados. O *lócus* discursivo é sempre a TL. Isso implica na alegação de que o discurso deste biblista não seria o mesmo fora dessas relações dialógicas. Trata-se, portanto, de um discurso heterogêneo, constituído por outras fontes enunciativas. Neste sentido, a literatura do biblista brasileiro se apresenta como um fenômeno discursivo portador de uma multiplicidade de vozes.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BRAIT, Beth. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, Niterói, n. 20, p. 47-62, 2006.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- CROATTO, J. Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- CROATTO, José Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1986.
- DREHER, Carlos A.; MUGGE, Erny; HAUENSTEIN Iria; DREHER, Isolde R. (Orgs.). *Profecia e Esperança: um tributo a Milton Schwantes*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

- FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*: em torno de Bakhtin Mikhail. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 29-36.
- FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Organon*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 165-176, 1995.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin*: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.
- FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. (Orgs.). *Texto ou Discurso?* São Paulo: Contexto, 2014. p. 145-165.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução a semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MESTERS, Carlos. Como se faz teologia bíblica hoje no Brasil. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 7-19, 1987.
- RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Aste, 2006.
- RICHARD, Pablo. Bíblia: memória histórica dos pobres. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 1, p. 20-30, 1987.
- SCHWANTES, Milton. A cidade de justiça: estudo exegético de Is. 1, 21-28. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, n. 1, p. 5-48, 1982.
- SCHWANTES, Milton. Da boca dos pequeninos: enfoques antropológicos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 24, n. 2, p. 148-160, 1984a.
- SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da elaboração de uma hermenêutica do Pentateuco. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 1, p. 31-49, 1984b.
- SCHWANTES, Milton. Profecia e organização: anotações a luz de um texto (Am 2,6-16). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 5, p. 26-39, 1985a.
- SCHWANTES, Milton. Uma terra boa. *Simpósio*, São Paulo, v. 6, n. 30, a XVIII, p. 169-172, 1985b.
- SCHWANTES, Milton. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra – iniação à temática do trabalho e do trabalhador na Bíblia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 11, p. 6-21, 1986.
- SCHWANTES, Milton. Teologia bíblica junto ao povo: anotações preliminares. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 3, p. 43-56, 1987a.

SCHWANTES, Milton. A herança de Javé: meditando o salmo 127. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, a. 27, n. 2, p. 175-180, 1987b.

SCHWANTES, Milton. Êxodo como evento exemplar. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 9-18, 1988a.

SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. *Ribla*, Petrópolis, n. 1, p. 81-92, 1988b.

SCHWANTES, Milton. A origem social dos textos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 16, p. 31-37, 1988c.

SCHWANTES, Milton. O espírito faz história. *A palavra na vida*, Belo Horizonte, n. 10, p. 1-20, 1988d.

SCHWANTES, Milton. Caminhos da Teologia Bíblica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 24, p. 9-19, 1989.

SCHWANTES, Milton. Não estendas tua mão contra o menino: observações sobre Genesis 21 e 22. *Ribla*, Petrópolis, n. 10, p. 24-39, 1991a.

SCHWANTES, Milton. A caminho de terra e liberdade? Genesis 12 – um roteiro. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 7, 129-144, 1991b.

SCHWANTES, Milton. Javé abrigou: anotações teológicas à luz do livro de Sofonias. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n. 13, p. 25-44, 1997.

SCHWANTES, Milton. “A lua nova devorará suas heranças” – observações sobre Oséias 5, 1-7. *Estudos Bíblicos*, n. 73, p. 8-19, 2002.

TAMEZ, Elsa. A mulher que complicou a história da salvação. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 7, p. 56-72, 1987.

TERRA, Kenner, R. C. Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: a leitura bíblica na teologia da libertação. *Reflexus*, Vitória, a. VI, n. 8, p. 63-75, 2012.

TERRA, K. R. C. Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, 2018.

WIT, Hans de. *En la dispersión el texto es patria: introducción a la hermenêutica clásica, moderna e pós-moderna*. San José: Universidad Bíblica Latino Americana, 2002.